COMO UM RAIO DIVINO

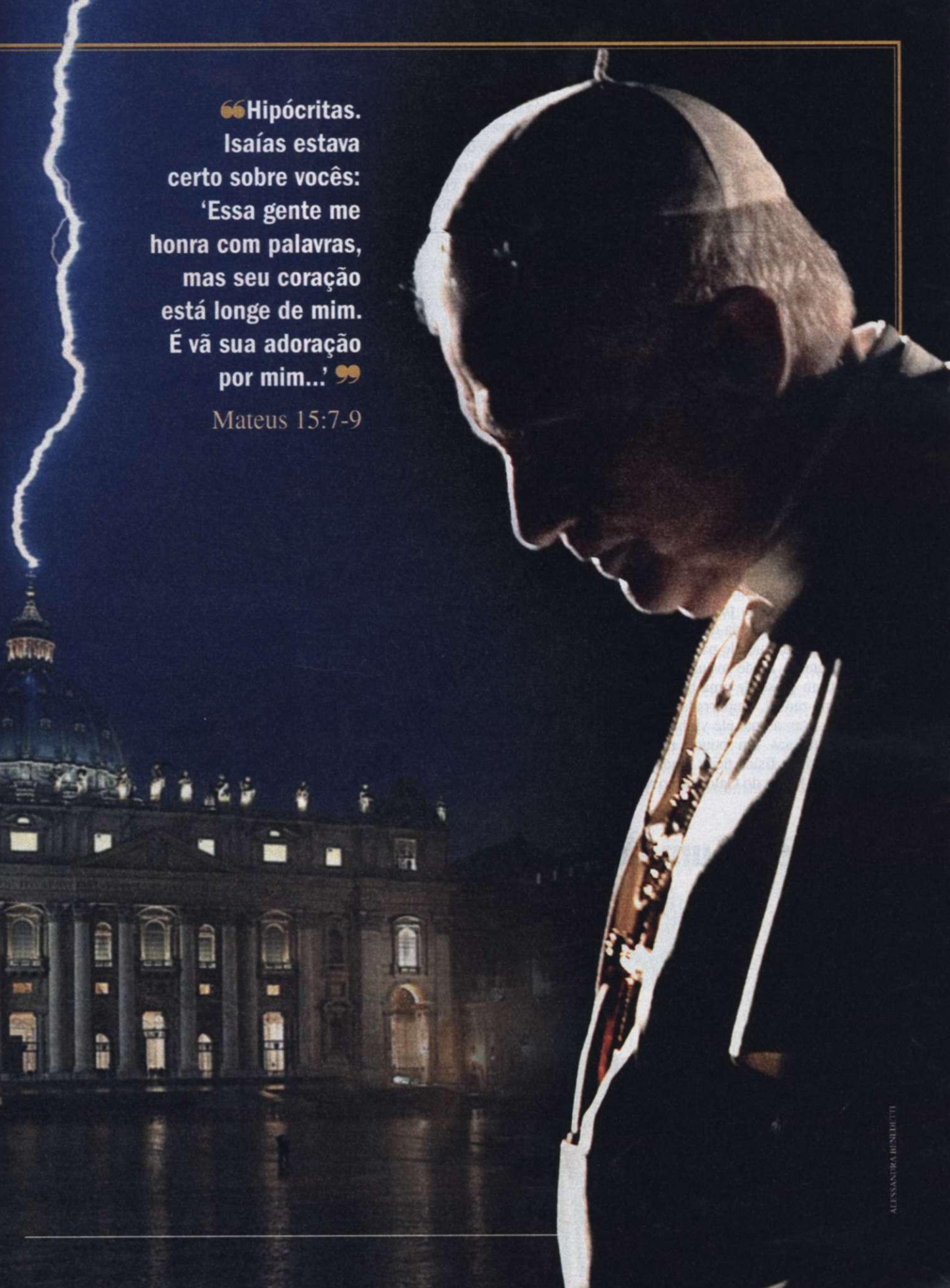
A renúncia do papa Bento XVI é, mais do que ato de coragem e desapego individual, um tratamento de choque moral para reativar o coração da Igreja Católica

MARIO SABINO, DE PARIS

Foi em latim, a língua morta perpetuada em idioma oficial da Igreja Católica, que o papa Bento XVI anunciou a sua renúncia — e, assim, deu um sopro de vida a uma instituição erguida há 2 000 anos, adoecida neste momento por padres pedófilos, escândalos financeiros, choque de egos e vazamento de documentos. Passava um pouco das 11h30 da manhã de 11 de fevereiro quando, diante de cardeais reunidos num consistório para a canonização de beatos, Bento XVI, sem alterar o seu tom monocórdio, espantou os prelados sonolentos. E o mundo

ALESSANDRO DI MEO / REUTERS / ANSA

A CÚPULA FULMINADA
A imagem de 11 de fevereiro lembra a ventania no funeral de João Paulo II. A história também se faz com simbolismos



“Hipócritas. Isaías estava certo sobre vocês: ‘Essa gente me honra com palavras, mas seu coração está longe de mim. É vã sua adoração por mim...’”

Mateus 15:7-9

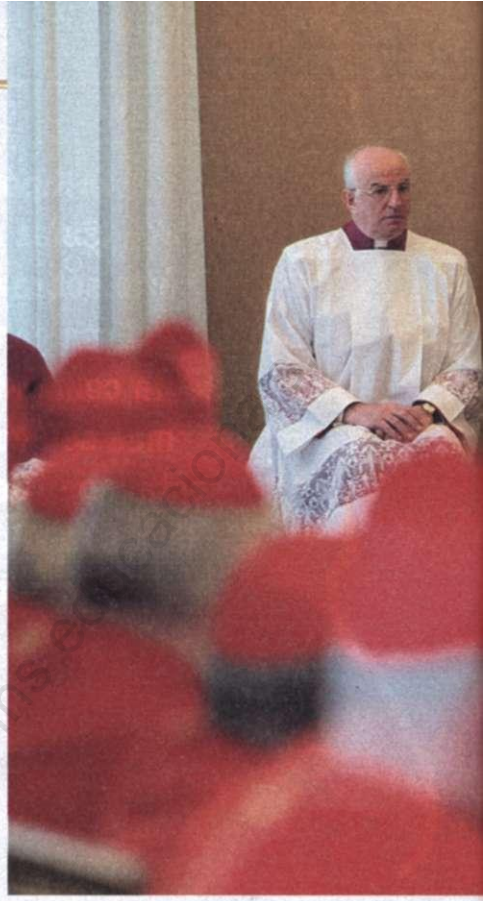
ALESSANDRA BENEDETTI

"'Bem consciente da gravidade deste ato. com plena liberdade, declaro renunciar ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, a mim concedido pelas mãos dos cardeais em 19 de abril de 2005, de modo que. a partir de 28 de fevereiro de 2013. às 20 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, estará vaga e deverá ser convocado, a quem compete, o conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice", recitou Joseph Ratzinger, atendendo, como alemão disciplinado, a todas as formalidades previstas pelo Artigo 332. parágrafo 2. por ele próprio redigido e acrescentado ao código de direito canônico em 1996. que regulamenta a possibilidade de abdicação de um papa. O motivo alegado para deixar o Trono de Pedro é que. aos 85 anos. depois de quase oito de pontificado, ele já não tinha mais forças para levar adiante o governo da Igreja. É verdade, mas se forças faltaram foi porque o fardo estava excessivamente pesado mesmo para um papa.

Ao correr o planeta, a notícia suscitou especulações. A primeira delas é que Bento XVI sofreria de uma doença terminal. É fato que ele padece de males inerentes à idade avançada, como demonstram o uso de uma bengala e a plataforma móvel, empurrada por funcionários, com a qual ele vinha percorrendo distâncias um pouco maiores. Sua fragilidade física ficou ainda mais evidente na Missa do Galo, como registrou uma reportagem de VEJA. de autoria da editora Adriana Dias Lopes, na primeira edição de 2013. Seus médicos também haviam recomendado a ele que deixasse de fazer viagens transatlânticas. Não existem evidências, porém, de que Bento XVI sofra de tumores ou de uma cardiopatia fatal no curto prazo. Está sujeito a perecer como qualquer senhor octogenário.

Também não é verdade que o papa tenha sido vítima de uma chantagem, originada pelo roubo de documentos comprometedores da Santa Sé, no episódio batizado de Vatileaks que veio à tona no início do ano passado — embora o mandante do crime cometido pelo então mordomo Paolo Gabriele possa ter sido um integrante da Cúria Romana, o aparato burocrático do Vaticano, interessado em desestabilizar um grupo de cardeais. Os documentos eram, basicamente, cartas de um ex-administrador da sede da Igreja que informava o papa sobre corruptos que haviam assinado contratos superfaturados e, desse modo. causado um prejuízo de milhões de euros às finanças da Santa Sé. Gabriele, apelidado de "O Corvo", foi condenado, preso e perdoado por Bento XVI.

O roubo dos documentos contribuiu para amargurar um papa já cansado de decepções e intrigas, mas os papéis em nada o maculavam do ponto de vista moral. A conduta de Ratzinger. seja à frente



RESPEITO E CORREÇÃO
Em 2006, na Mesquita Azul, o papa tirou os sapatos e rezou ao lado de um imã. O gesto foi uma tentativa de apagar a gafe em um discurso na Alemanha, meses antes, quando dera a entender que criticara o Islã

Cenas de um pontificado

THOMAS COEX / AFP

SIMPLICIDADE E HUMILDADE
Ele não queria ser papa, mas aceitou a missão. Em abril de 2005, Ratzinger deu a tônica de seu papado ao ser escolhido pelo conclave: "Depois do grande João Paulo II, os senhores cardeais elegeram-me, um simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor"

OSSERVATORE ROMANO/AFP

11 DE FEVEREIRO DE 2013

Em latim, durante um consistório. Bento XVI anuncia a renúncia a partir de 28 de fevereiro

da Congregação para a Doutrina da Fé. sob João Paulo II. seja como o Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, um dos oito títulos pontifícios, é irrepreensível.

João Paulo II. acometido de doença de Parkinson devastadora, arrastou sua cruz de papa até o fim. em 2005, porque era um místico que via em tal atitude uma provação pessoal e um exemplo ao seu rebanho. Se Cristo, o filho de Deus. se submeteu ao sacrifício supremo para salvar a humanidade, seu maior representante na Terra também deveria fazê-lo dentro dos limites máximos de um ser humano. Ao renunciar. Bento XVI. cuja teologia tem uma bússola mais filosófica do que a do predecessor, ressoa os Evangelhos, mas na parte em que Jesus expulsa os mercadores do Templo de Jerusalém. Foi a maneira que encontrou, diante da sua fragilidade etária, de expor as feridas da Igreja e encaminhar sua cura.

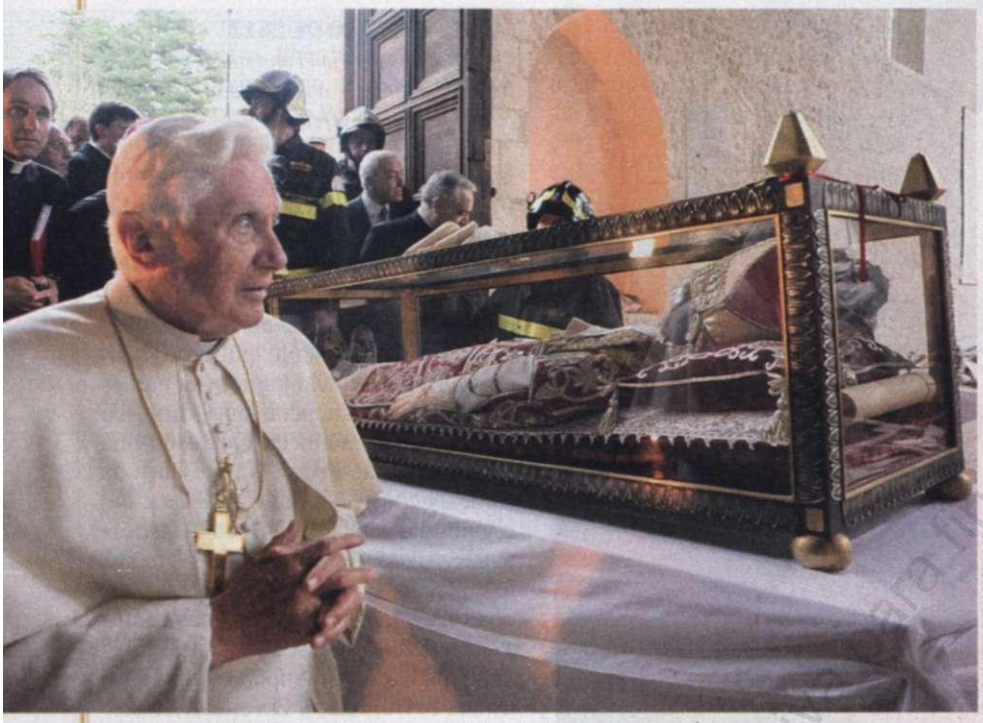
Bento XVI transformou sua amargura em instrumento a serviço do catolicismo, no sentido de purificá-lo, obedecendo a um cálculo político audacioso. Essa intenção ficou evidente logo depois de anunciar que sairia, na cerimônia de início da Quaresma, na Basílica de São Pedro. Na presença de cardeais constrangidos e fiéis que. em seguida, o aplaudiriam entusiasticamente, disse Bento XVI: "É preciso refletir sobre como a face da Igreja é por vezes deturpada por golpes contra a sua unidade e divisões do corpo eclesiástico. É preciso superar individualismos e rivalidades. O verdadeiro discípulo não serve a si próprio ou ao público, mas ao seu Senhor. Mesmo em nossos dias. muitos estão prontos a rasgar as vestes diante de escândalos e injustiças — mas poucos parecem disponíveis a agir em seu próprio coração, em sua própria consciência e em suas próprias intenções". Antes, na modernosa — e horrenda — Sala Nervi, numa audiência geral, o papa lançara um primeiro petardo: "A verdadeira tentação é a de instrumentalizar Deus. usá-

RONEN ZVULUN/AFP

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO Em um mesmo dia, em maio de 2009, o papa visitou o Muro das Lamentações e a Esplanada das Mesquitas de Jerusalém. Defendeu com vigor o "diálogo sincero para construir um mundo de justiça e paz para as próximas gerações"

VINCENZO PINTO/AFP

TRADIÇÃO E MODERNIDADE Ele sempre teve certezas férreas em relação a temas como a homossexualidade e o uso de preservativos e anticoncepcionais. E viu nas tecnologias do século XXI, entre elas o Twitter, ao qual aderiu em dezembro de 2012, uma forma de reafirmar seus preceitos



OSSERVATORE ROMANO / AP

HOMENAGEM *Na Basílica Santa Maria di Colemaggio, em Áquila, o papa rezou diante do túmulo de Celestino V, um papa que abdicou*

lo para os próprios interesses, a própria glória e o sucesso".

São principalmente três as razões da amargura de Bento XVI, no que concordam os mais argutos vaticanistas da Itália. Em primeiro lugar, ele se sentiu abandonado por cardeais, bispos e padres em sua disposição de dar um basta aos recorrentes casos de pedofilia que conspurcam a Igreja. O corporativismo foi mais fone do que o papa. Isso ficou claro em 2010. na Irlanda. Descobriu-se que milhares de crianças haviam sido abusadas por sacerdotes, entre 1996 e 2009, com o silêncio cúmplice de bispos. Bento XVI escreveu uma Carta Pastoral aos católicos da Irlanda, conclamando-os a reagir e censurando os bispos do país por terem acobertado os pedófilos. Inúmeros processos foram abertos no Vaticano, mas nenhum corre com a celeridade devida. Conferências episcopais de outras nações também se fizeram de surdas aos apelos papais, para grande angústia de Bento XVI. que tinha no combate à pedofilia uma cláusula vital de seu pontificado.

O segundo motivo que embaraça o papa tem a ver com dinheiro e se liga ao terceiro. Em 2010. explodiu um escândalo envolvendo o Instituto de Obras Religiosas — o banco do Vaticano. A Justiça italiana abriu uma investigação sobre o IOR e bloqueou 23 milhões de euros de suas contas, por suspeita de violação das normas do sistema financeiro contra lavagem de dinheiro. Dois anos mais tarde, o presidente do banco, Ettore Goni Tedeschi, foi demitido sob a alegação de "desentendimentos com a Cúria" — poucas horas depois de o ex-mordomo Paolo Gabriele ser preso.

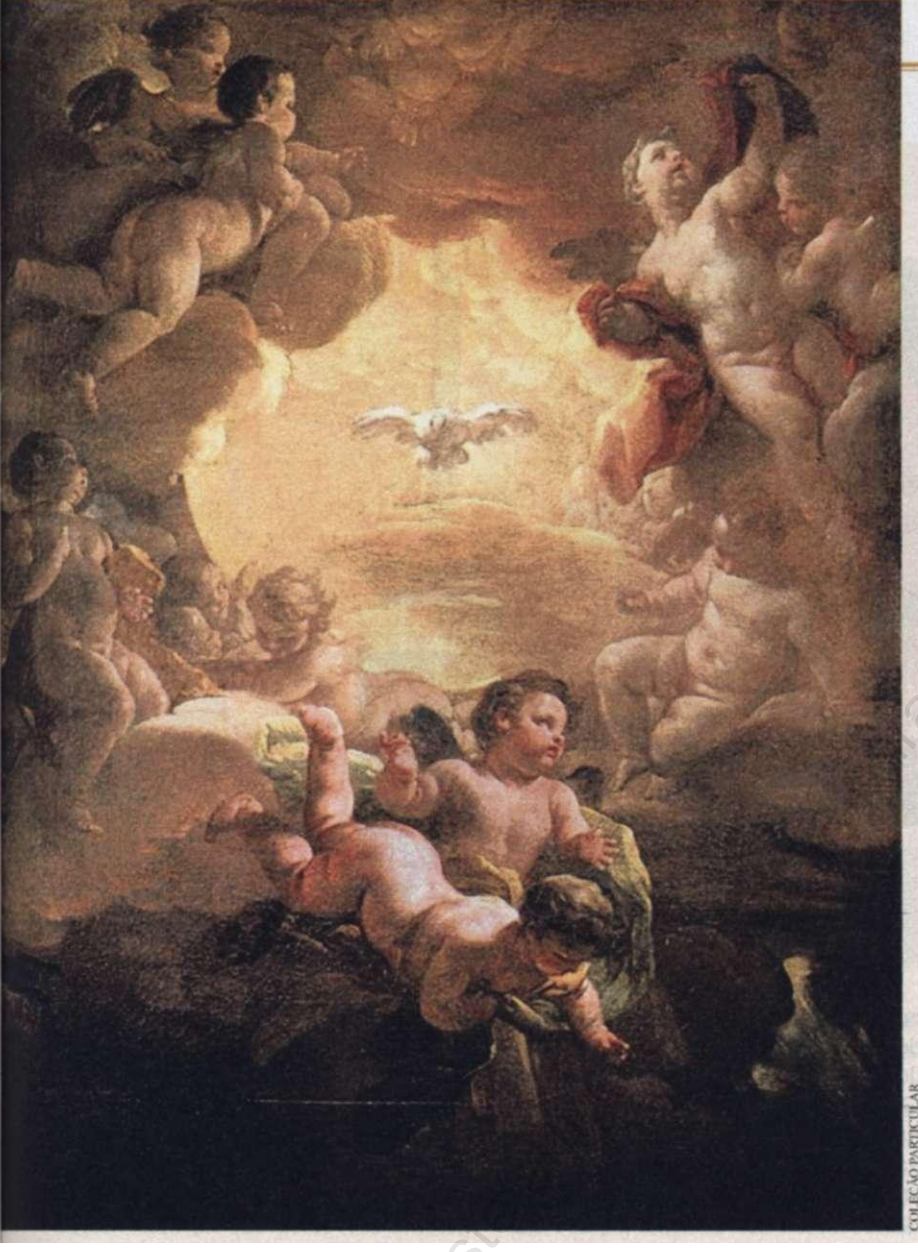
Entra aqui o terceiro motivo para a renúncia do papa: o denadeiro relatório da investigação sobre o roubo dos documentos pelo ex-mordomo Paolo Gabriele, lido por Bento XVI em dezembro, revelou conexões de gente muito próxima a ele com o esquema de lavagem de dinheiro no IOR. Um dado salta à vista neste momento. O secretário de Estado, cardeal Tarcisio Benone. queria a todo custo que o novo presidente do banco fosse nomeado antes da saída de Bento XVI. Seu antecessor no cargo, o decano Angelo Sodano, era contrário à ideia, por considerar que se tratava de uma atribuição do papa a ser eleito ainda antes da Páscoa. Chegou-se a uma solução na sexta-feira, com a nomeação de Ernst von Freyberg para a presidência do IOR. Seu nome foi sugerido pela

Os papas da renúncia

Com Bento XVI, eles foram sete na história da Igreja, desde que se encare o conceito com elasticidade. Hoje, contudo, a saída de um papa suscita ainda mais questões

Na história da Igreja Católica, o papa Bento XVI é o sétimo a renunciar. Os outros seis estão listados no *Dictionnaire Historique de la Papauté* (Dicionário Histórico do Papado), coordenado pelo eminente historiador francês Philippe Levillain. A renúncia, aqui, é um conceito elástico, porque inclui a aceitação da deposição do Trono de Pedro, sem resistência aos inimigos que obrigaram o pontífice a sair. Todos os seis nomes situam-se entre o fim da Antiguidade e a Alta Idade Média, período de grandes turbulências na instituição ainda em formação. Os renunciantes são os seguintes (as datas do pontificado, que variam conforme a referência, estão de acordo com o "Anuário Pontifício"): Martinho I (649-655), Bento IV (900-903), João XVIII (1003-1009), Silvestre III (1045), Bento IX (1047-1048), Celestino V (1294) e Gregório XII (1406-1415). O mais célebre deles é Celestino V, que Dante Alighieri colocou no Inferno, em sua *Divina Comédia*, entre os injustos e os neutros, ao lado de Pôncio Pilatos, mas que foi canonizado por ter fundado a Ordem dos Celestinos. Bento XVI é um admirador seu.

A renúncia de Celestino V foi a primeira a ter formalidade e a criar controvérsia jurídico-teológica. A legitimidade de seu sucessor, Bonifácio VIII, seria questionada pelos cardeais da



COLEÇÃO PARTICULAR

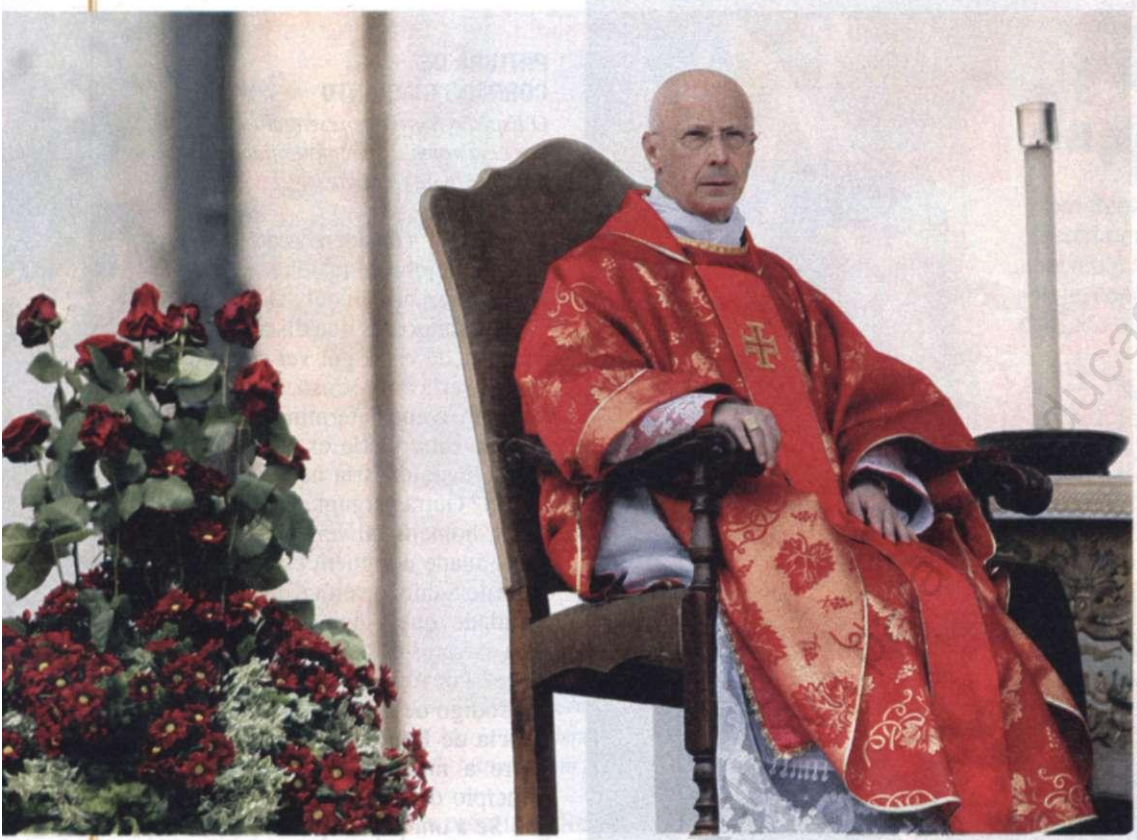
PINTURA DE CORRADO GIAQUINTO
O Espírito Santo, representado por uma pomba: sua infalibilidade teria prazo de validade?

então poderosa família romana Colonna, sob os argumentos de que: a) a autoridade pontifícia, conferida por Deus por intermédio do Espírito Santo, só poderia ser retirada pelo próprio Deus: b) o casamento que unia o papa à Igreja era indissolúvel; c) a renúncia de um pontífice não poderia ser permitida porque abriria flancos no governo da Igreja. Bonifácio VIII, no entanto, terminou seu mandato, e. pouco mais de um século depois, outro papa seria deposto sem relutância. A renúncia de um papa está prevista no Código de Direito Canônico em vigor, que foi regulamentada sob João Paulo II, com redação de Bento XVI. e estabelece que o papa pode deixar o Trono de Pedro, desde que por vontade própria, como fez Joseph Ratzinger. O debate sobre suas consequências já começou. Não resta dúvida de que, ao afirmar que um papa tem de estar física e mentalmente habilitado para comandar a Igreja, dificilmente haverá outro caso como o de João Paulo II, que terminou seu pontificado mal conseguindo balbuciar e andar. Em Roma. já se cogita, inclusive, em fixar uma idade de aposentadoria compulsória para os papas, assim como ocorre com os bispos (75 anos) e cardeais (80). "Se já existe um limite para bispos e cardeais, não se pode excluir que, também para o papa, seja possível estabelecer a mesma coisa. O princípio não é absurdo, é só questão de bom-senso". disse o cardeal suíço Georges Cottier, avalizando a ideia lançada pelo teólogo alemão Hans Küng, considerado até há pouco tempo um rebelde maldito, e pelo cardeal americano Timothy Dolan.

São muitos os que discordam desse ponto de vista, por ver contradição no que seria bom-senso. Se um papa é infalível, como determinado em 1870, haveria uma idade exata a partir da qual ele se tornaria necessariamente falível? Outra pergunta: poderiam cardeais, homens falíveis, dar um prazo de validade a alguém escolhido pelo Espírito Santo, o vértice da Santíssima Trindade que, segundo a doutrina, guia os votos dos eleitores de um conclave? Por último, apesar de prevista no Código de Direito Canônico, a renúncia de Bento XVI lança dúvidas sobre a manutenção dogmática do princípio da indissolubilidade conjugal. Se a um papa é permitido renunciar ao que seria um casamento com a Igreja, abençoado pela vontade divina, por que marido e mulher não poderiam divorciar-se?

Um aspecto também suscitado pela saída de Bento XVI é a possibilidade de que o novo pontífice convoque um concílio — as grandes reuniões da Igreja que acontecem a intervalos de centenas de anos, para redefinir os rumos da instituição. Isso, na opinião da maioria dos vaticanistas, é remoto. Mas o último deles, o Vaticano II, aconteceu há cerca de cinquenta anos, pouco tempo para uma Igreja que caminha com a vagarosidade dos séculos. Além disso, o concílio, convocado por João XXIII e terminado sob Paulo VI, ainda é uma obra em aberto. A tão almejada colegialidade, por exemplo, que incluiria os bispos em decisões hoje exclusivas aos cardeais, permanece um objetivo inalcançado — e talvez seja inalcançável em qualquer época. A verdade é que, se o novo papa fizer a limpeza moral que a renúncia de Bento XVI exige, já estará prestando um grande serviço ao catolicismo.

M.S.



ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS

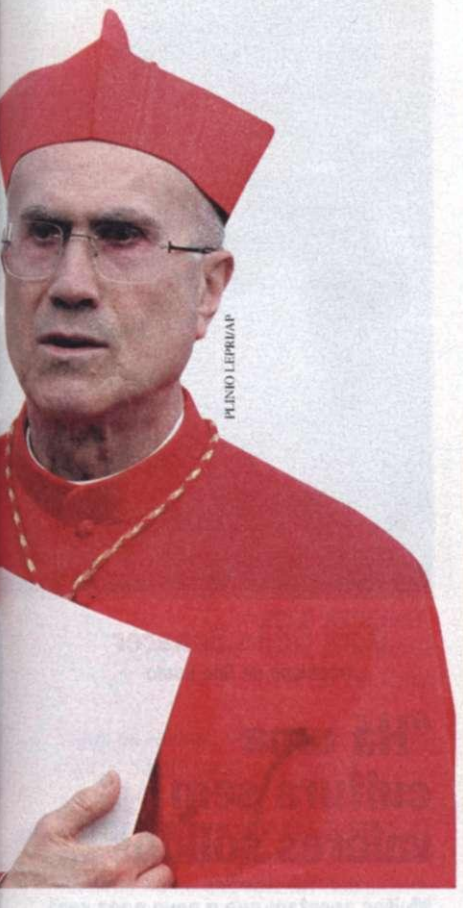
O ARDILOSO *A nomeação de Tarcisio Bertone para a Secretaria de Estado pode ter sido o maior erro de Bento XVI. Desconfia-se que ele foi longe demais em suas manobras*

O TRITURADOR *O cardeal Angelo Bagnasco, presidente da CEI, a Conferência Episcopal Italiana, é aliado de Bertone (à dir.) na máquina burocrática de esmagar pontífices*

Spencer Stuart. empresa americana de head hunters. O alemão é completamente independente da comissão cardinalícia que administra o banco, da qual é membro o brasileiro Odilo Scherer. cardeal-arcebispo de São Paulo.

O embate entre Sodano e Bertone tem raízes no tempo. Sodano é considerado "wojtylista". grupo da Cúria que se firmou sob o papa polonês que antecedeu o alemão. Foi secretário de Estado até 2006, quando completou 78 anos e se afastou do cargo. Viu-se substituído por Bertone. que completou a mesma idade provecta em dezembro, mas permanece na função. A nomeação de Bertone para a Secretaria de Estado, um dos postos mais reluzentes da Cúria, pode ter sido o maior erro de Bento XVI. Ele queria alguém que lhe servisse de escudo contra a máquina de triturar pontífices, a impenetrável e ardilosa burocracia do Vaticano. O anteparo não funcionou. Ambicioso. em total discordância com as intenções do papa. Bertone — associado ao cardeal Angelo Bagnasco, arcebispo de Gênova e presidente da Conferência Episcopal Italiana — emulou os vícios da burocracia mais impertinente. O secretário de Estado está na mira não apenas de Sodano. mas de boa parte dos cardeais italianos, que o responsabilizam, por interesses ou omissão, pelos casos IOR e Vatileaks. Os cardeais desconfiam da sua pressa em nomear o belga Bernard De Corte, um estranho no ninho da Igreja, como o novo presidente do banco. Por que Bertone tem tanta urgência em preencher o cargo com um homem de sua confiança mas aparentemente inabilitado para tanto? Nada disso ajuda a dissipar as desconfianças.

Quando Joseph Ratzinger foi escolhido no conclave de quase oito anos atrás, suas primeiras palavras foram: "Depois do grande papa João Paulo II. os senhores cardeais elegeram-me. um simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor". Ele não queria ser papa. mas a falta de alternativas à altura o levou a aceitar a missão. Seu pontificado era para ser marcado pela moralização das práticas eclesiásticas, pela reafirmação da Europa como o centro da cristandade, pela abertura de um diálogo mais profícuo com o Islã. Os pedófilos continuam à solta, a sujeira da corrupção em institutos pontifícios contrasta com a recém-concluída limpeza da colunara de Bernini. na Praça de São Pedro, a Europa rende-se à laicização, com igrejas cada vez mais vazias e a adoção de leis que relativizam os preceitos católicos. O diálogo com os muçulmanos foi marcado por uma gafe que ninguém esquece — o discurso que o papa fez na universidade alemã de Regensburg. em 2006. antes de visitar a Turquia, no qual incluiu as seguintes palavras do imperador bizantino Manuel II Paleologo: "Mostra-me também o que trouxe de novo Maomé, e encontrarás apenas coisas más e desumanas tais como a sua norma de propagar, através da espada, a fé que pregava". Quando se lê o discurso, vê-se que não se trata de uma condenação ao Islã. e sim à difusão, por meio da violência, de qualquer religião. A frase foi descontextualizada. e o estrago se mostrou irremediável, ainda que, uma vez em Is-



PLINIO LEPRI/AP

LUCA BRUNO/AP

O "CORVO" *O mordomo Paolo Gabriele, que também protegia o papa das intempéries, causou uma tempestade ao roubar documentos pontifícios. Quem estaria por trás dele?*

tambul. Bento XVI tenha tirado os sapatos para entrar na Grande Mesquita e rezado, em seu interior, ao lado de um imã — sinal de respeito que teve pouca serventia para mitigar os efeitos negativos do discurso em Regensburg.

Bento XVI deixa um legado admirável. Mais do que pelas três encíclicas, ele notabilizou-se, no que se refere à difusão da fé, pela trilogia magistral que escreveu sobre a vida de Jesus — o terceiro tomo, a respeito da infância do Nazareno, ratifica a hipótese de que Ele nasceu antes do que veio a ser datado como o primeiro ano da era cristã — e pelas entrevistas que concedeu publicadas em forma de livro. Dono de uma cultura vasta, que vai muito além da teologia, ele é capaz de ser didático sobre temas espinhosos. A renúncia tem de ser entendida nesse contexto. Seu gesto contém uma lição revolucionária. Mostra que ninguém, nem mesmo um papa sempre suave na fala, está imune à ira santa contra quem fere a casa do Deus católico. Que a fragilidade física pode ser revertida em força moral. Que o sacerdócio é uma entrega ao próximo, e não a exploração do outro. Que o pároco da diocese mais remota é um servo dos servos de Deus, tanto quanto o sumo pontífice.

No dia 27, às 9 da manhã, está prevista para ocorrer a última aparição pública de Bento XVI, da janela de seus aposentos ou do balcão da basílica, que dão sobre a Praça de São Pedro. No dia seguinte, depois de um encontro com todos os cardeais, um helicóptero o levará às 17 horas até o palácio de verão do papa na cidade de Castel Gandolfo, a cerca de 30 quilômetros de Roma. A sede vacante será declarada canonicamente dali a três horas. Ele só voltará à capital italiana depois da eleição do novo pontífice, que deverá ocorrer, espera-se, até 25 de março. Bento XVI passará a ser apenas Joseph Ratzinger, sem perder a condição de cardeal. Ele pretende enclausurar-se até a morte no convento Mater Ecclesiae, no Vaticano.

Não é a primeira vez que um papa renuncia. O mais famoso deles foi Celestino V, no longínquo ano de 1294, em evento que nenhuma semelhança guardaria com a renúncia da semana passada, não fosse o fato de Bento XVI ter visitado justamente o túmulo desse papa resignatário, do qual é admirador. Ter um ex-papa morando nas vizinhanças de um papa é, sem dúvida, algo inédito e cujas repercussões não podem ser apreendidas por inteiro no atual momento. Os vaticanistas já fazem suas listas de papáveis. O favorito é o arcebispo de Milão, Angelo Scola. Ele obedece a requisitos que se julgam essenciais nessa quadra tempestuosa. Aos 71 anos, é relativamente jovem para o cargo. Decidido, nunca perde o espírito conciliador. E, claro, conta com o apoio de cardeais italianos. Não importa quem seja o novo papa, sua tarefa urgente será livrar a vinha do Senhor das ervas daninhas e, desse modo, honrar o ato de coragem do homem que, fatigado da luta contra as ameaças à "Igreja de verdade", dedicará os seus últimos dias a cultivar o jardim do convento Mater Ecclesiae. Simples e humildemente. ■

Fonte: Veja, São Paulo, ano 46, n. 8, p. 74-81, 20 fev. 2013.